

MASCULINIDADES E EDUCAÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS E A ENUNCIÇÃO BOLSONARIANA

Douglas Henrique Gomes *
Alberto Mesaque Martins **

RESUMO: A escola é um importante espaço social onde se (re)produz gênero, configurando-se como uma das instituições que reflete as estruturas de poder da sociedade e um local onde acontece a construção das identidades femininas e masculinas. Na perspectiva das teorias de gênero, esse artigo visa traçar considerações teóricas acerca do processo de construção de masculinidades no período da infância e da juventude, no contexto escolar, articulando tais teorizações com falas do ex-Deputado Federal e, atual presidente, Jair Bolsonaro. Trata-se de um ensaio teórico que propõe a articulação entre conceitos e ideias de autores como Pierre Bourdieu, Raewyn Connel, Judith Butler e Guacira Louro, bem como outros(as) pesquisadores (as) que vem se debruçando sobre as questões de gênero e masculinidades no âmbito escolar. Além disso, propõe-se uma análise de falas do presidente Jair Messias Bolsonaro, disponíveis na plataforma digital Youtube, buscando compreender como o atual presidente da república e o grupo que ele representa percebem a construção das masculinidades na escola. Os resultados revelam que, apesar das transformações sociais, as escolas continuam reproduzindo práticas pedagógicas que possuem relação com o patriarcado, reforçando o padrão hegemônico que busca produzir homens fortes, viris e heterossexuais. As falas do presidente da república, Jair Bolsonaro, refletem o crescimento dos discursos conservadores no Brasil e são carregadas de representações do patriarcado e do discurso que sustenta o modelo de masculinidade hegemônica. Observa-se uma maior preocupação do presidente com a garantia do status de virilidade dos meninos, revelando a presença de discursos que operam no intuito de garantir a manutenção do patriarcado e dos modelos tradicionais de masculinidade.

Palavras-chaves: Masculinidades; Escola; Relações de Gênero

MASCULINITIES AND EDUCATION: THEORETICAL ASPECTS AND BOLSONARIAN ENUNCIATION

Abstract: The school is an important social space where gender is (re)produced, configuring as one of the institutions that reflects the power structures of society and a place where the construction of female and male identities takes place. From the perspective of gender theories, this article aims to outline theoretical considerations about the process of building masculinities in the period of childhood and youth, in the school context, articulating such theories with speeches by former Federal Deputy and current President Jair Bolsonaro. It is a theoretical essay that proposes the articulation between concepts and ideas by authors such as Pierre Bourdieu, Raewyn Connel, Judith Butler and Guacira Louro, as well as other researchers who have been working on gender and masculinity issues in the school environment. In addition, an analysis of the speeches of President Jair Messias Bolsonaro, available on the digital YouTube platform, is proposed, seeking to understand how the current president of the republic and the group he represents perceive the construction of masculinities at school. The results reveal that, despite social changes, schools continue to reproduce pedagogical practices that are related to patriarchy, reinforcing the hegemonic pattern that seeks to produce strong, virile and heterosexual men. The speeches of the president of the republic, Jair Bolsonaro, reflect the growth of conservative discourses in Brazil and are loaded with representations of patriarchy and the discourse that supports the hegemonic masculinity model. There is a greater concern of the president with the guarantee of the boys' virility status, revealing the presence of speeches that operate in order to guarantee the maintenance of patriarchy and traditional models of masculinity.

Keywords: Masculinities; School; Gender Relationship.

Introdução

Este trabalho visa discutir o processo de construção de masculinidades no período da infância e da juventude, no contexto escolar. A produção deste artigo acontece após o período de encerramento das eleições presidenciais de 2018, em que um dos discursos do candidato vitorioso, Jair Messias Bolsonaro, versa sobre o que ele intitula de “ideologia de gênero” e suas influências nas escolas. Os defensores desse discurso parecem acreditar que o ensino das temáticas de gênero, em especial, numa perspectiva feminista, produziria certa “confusão” no ensino dos papéis sexuais e contribuiria para a “difusão” da homossexualidade entre as crianças. Por outro lado, a discussão sobre gênero e educação vem ganhando forças nas últimas décadas e, devido a isso, diversos grupos conservadores vêm se posicionando contra a sua popularização, provocando grandes embates em diferentes contextos.

Neste artigo, apresentamos um ensaio teórico sobre os estudos de gênero, em especial aqueles que se debruçam sobre a construção social das masculinidades, como Bourdieu (1999), Connel (1995), Louro (2000), entre outros. Além disso, discutimos como a escola constrói os gêneros, em especial, como ela (re)produz expectativas e ideias que orientam a construção social de masculinidades. O texto está dividido em três seções. Na primeira, apresentamos alguns conceitos e noções gerais sobre a construção social dos gêneros, em especial a construção das masculinidades e como a escola atua como instituição produtora de gêneros. Em seguida, apresentamos uma análise de alguns vídeos do presidente da república eleito, Jair Messias Bolsonaro, na época em que era deputado federal, nos quais divulgava suas ideias sobre a suposta “ideologia de gênero na escola”. O mesmo foi escolhido como sujeito de análise em função da sua força discursiva, uma vez que vem se auto-intitulando como um representante da família tradicional brasileira e um defensor dos valores da pátria. Além disso, sua eleição como presidente da nação revela que o seu discurso vai ao encontro dos modos de pensar, sentir e agir de milhares de brasileiros. Para seleção dos vídeos, foram realizadas buscas na plataforma digital Youtube, tendo sido selecionados vídeos em que Jair Bolsonaro se pronuncia publicamente a respeito da relação entre a escola e o que ele intitula de “ideologia de gênero”. As falas do presidente foram transcritas e seus enunciados analisados à luz dos estudos de gênero. Por fim, na conclusão, apresentamos uma

reflexão sobre debate de gênero e masculinidades nas escolas no cenário político atual.

Definições básicas sobre os estudos de gênero

Atualmente, existem diversas obras que abordam a construção social dos gêneros. A definição de gênero utilizada nesse estudo, portanto, é a de Scott (1995) que considera duas proposições distintas: “gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e o gênero como “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Scott (1995) destaca que gênero pode ser utilizado como categoria de análise, isto é, pode ser tomado como dispositivo para auxiliar na compreensão do processo histórico de hierarquização das relações entre homens e mulheres e para compreender como as diferenças sexuais são transformadas em desigualdades sociais. Segundo a autora, essa categoria de análise tem sido fortemente difundida e utilizada pelas feministas norte-americanas e que, ao longo do tempo, se tornou um campo de grandes produções teóricas e políticas. Uma compreensão importante que surge a partir da autora é que quando acontece alguma mudança em qualquer tipo de relação, como aquelas entre pais e filhos, amizades, relacionamentos amorosos, dentre outras, também acontece um tensionamento à mudança nas relações de gênero.

Scott (1995), interessada em entender as fundações que sustentam as relações de gênero, percebe que as culturas possuem representações que influenciam as compreensões sociais como, no ocidente cristianizado, as figuras de Eva e Maria. Outro ponto que Scott (1995) salienta são os conceitos usados nas doutrinas das principais instituições de cada sociedade, como as educativas, políticas, jurídicas, dentre outras, as quais funcionam como normatizações do gênero, ou seja, como essas instituições atuam no sentido de naturalizar e prescrever normas do que seriam papéis sociais adequados para cada sexo e gênero. Scott (1995) também explica que a história irá ser registrada como se não houvesse dissenso em relação às interpretações dos símbolos sociais e, ainda, como se as normatizações englobassem toda a realidade. A pesquisa da autora leva ao rompimento da noção de imutabilidade das relações e à ideia de que existem grupos com interpretações diferentes que irão

disputar qual será a narrativa de gênero predominante. Certos grupos, portanto, atuaram (e ainda atuam) para a manutenção da compreensão binária entre os gêneros e outros para a desconstrução dessa perspectiva.

Na mesma vertente, Butler (1990) afirma que toda construção social dos gêneros foi feita sob a égide da heteronormatividade, a qual está relacionada com a noção binária de masculino e feminino, assim, a heterossexualidade é tomada como norma, excluindo, portanto, outras orientações afetivo-sexuais e identidades de gênero. Assim, a socialização de homens e mulheres é feita como se estes gêneros fossem opostos, negando a eles quaisquer semelhanças. Segundo a autora, uma cultura construída com esta compreensão oferece caminhos para homens e mulheres que não dialogam, promovendo uma construção rígida e empobrecida. Butler (1990) complementa:

Para Foucault, a gramática substantiva do sexo impõe uma relação binária artificial entre os sexos, bem como uma coerência interna artificial em cada termo desse sistema binário. A regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica. (BUTLER, 1990, p. 47).

O trecho exposto acima reforça a ideia de que a construção dos gêneros, de forma binária, serve de base para a heterossexualidade compulsória. Butler (1990) reforça que o rompimento desses modelos de construções ocasionaria uma libertação das amarras dos gêneros, provocando o nascimento de outros modelos de relação e de construção de si. Butler (1990) também acrescenta o elemento “desejo” para compreender o humano. A partir da autora, as leituras de gênero devem levar em conta três componentes: o sexo, o gênero e o desejo. Junto à compreensão hegemônica, o funcionamento “correto” desses três elementos levaria à heterossexualidade. Entretanto, Butler (1990) rompe com o paradigma hegemônico dizendo que o desejo não funciona em perfeita simetria com os outros elementos, de modo que essa compreensão ajuda a entender que existem outros desejos como homossexual, bissexual, pansexual, dentre muitos outros.

Ainda nessa vertente, Butler (1990) aborda a existência de mecanismos de reprodução cultural de identidades, já que os espaços sociais funcionam seguindo a lógica do binarismo e, conseqüentemente, da heterossexualidade compulsória. Essa

compreensão leva ao entendimento de que as instituições procuram interditar os desejos que fogem da norma, como o homossexual e o bissexual.

Na mesma direção, Scott (1995) irá demonstrar que, ao longo da história, é possível fazer uma leitura de gênero das guerras e revoluções que, até então havia acontecido. Ela demonstra que o gênero é sempre evocado para a legitimação do poder e faz a observação que a lógica binária já era presente desde então. A autora faz a ressalva de que a concepção de poder sempre esteve associada a algo divino ou natural, não como construção humana. Dentro dessa ideia do binarismo, entendia-se que o homem era naturalmente ou divinamente mais forte do que a mulher. A autora destaca que são processos políticos e não divinos que irão dizer quem exercerá o poder. Assim, Scott (1995) irá dar o exemplo de mudanças sociais, como a busca pelo emprego, que podem inclusive mudar as relações dentro do casamento, levando-a a afirmar que:

Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas. (SCOTT, 1995, p. 28).

Em outras palavras, Scott (1995) afirma que as categorias de homem e mulher, quando lidas numa perspectiva de análise histórica, mostram como as relações não são fixas e que podem acontecer mudanças dependendo de arranjas sociais. Na mesma vertente, Butler (1990) discute o peso do sexo biológico e do gênero na construção das identidades. Uma definição importante da autora é de que o gênero está relacionado à cultura, o que influencia na construção identitária dos sujeitos. Nessa perspectiva, as identidades seriam uma articulação do sexo biológico e do gênero, construídos por meio da cultura. Segundo Butler (1990) é impossível a separação desses dois dados de fato, de modo que, a partir disso, a construção das identidades acontece na interpretação do gênero pelo sexo e não como um evento naturalmente determinado.

Ainda nessa direção, Bourdieu (1999) considera o corpo como inseparável de seu gênero. Assim como Butler (1990), o autor entende que o próprio corpo foi sendo construído pela interpretação do cultural do gênero. Essa perspectiva relacional leva

em conta que convergências de contexto, de história e de cultura produzem certos tipos de identidade de gênero. Essa compreensão leva a entender que se houver uma conjugação de forças diferentes irão ocorrer mudanças sociais nas interpretações de gênero. A teoria de Butler (1990) advoga pela compreensão de que a construção social dos gêneros pode dar origem a uma multiplicidade de identidades e que o sexo biológico, portanto, não é destino da vida dos sujeitos.

Louro (1997), teórica brasileira que pesquisa a construção de identidades na escola, também recusa o discurso que o gênero é dado no nascimento provocando a imutabilidade. Ela acrescenta que devemos pensar que os sujeitos se constroem homens e mulheres num processo sem fim, dinâmico. Segundo a autora, essa construção se dá por meio de práticas sociais masculinizantes ou feminilizantes que estão sempre em correlação como aquela sociedade entende do que é ser um homem e uma mulher. Assim, Louro (1997) afirma que o gênero vai além de uma identidade aprendida, configurando-se como uma categoria indivisível dentro das instituições, entre elas, a escola que, segundo a autora, “generifica” os espaços, produzindo um modelo de socialização.

Masculinidades e gênero

Bourdieu (1999), autor importante na compreensão do processo de construção da masculinidade, salienta um aspecto de seus estudos que também será utilizada neste texto, que é a leitura historicizada. Esse conceito defende a ideia de que as realidades precisam ser historicizadas, ou seja, todas as formas de organizações sociais devem ser compreendidas por uma perspectiva histórica. Nessa perspectiva, o que é realidade hoje é fruto da conjugação de diversas forças do passado. Sendo assim, em outros momentos históricos as realidades foram diferentes e dependendo de como for a conjugação do nosso tempo, as realidades podem mudar. Essa compreensão leva a constatação de que a realidade do nosso tempo é uma construção que nos levou ao lugar que ocupamos, mas isso não quer dizer que sempre será desse jeito (BOURDIEU, 1999).

Bourdieu (1999) também irá descrever como se dá a dominação masculina que, segundo ele diz respeito à construção de sociedades pautadas na hegemonia do poder dos homens sobre as mulheres, bem como sobre outros homens que se

distanciam dos modelos hegemônicos de masculinidade. Ele percebe que um dos fundamentos dessa dominação está no discurso biologicista, falocêntrico, que coloca o homem em posição de poder. O autor chama de visão androcêntrica a forma de organização social que teria o homem (sujeito do sexo masculino) como centro e fonte de todas as medidas (BOURDIEU, 1999). Nesse sentido, a dominação masculina acontece por meio constituição de símbolos, entendidos, como representantes de poder, como o corpo mais forte dos homens. Portanto, essa relação de dominação é mistificada por meio da natureza biológica que, por sua vez, se torna a própria construção social naturalizada (BOURDIEU, 1999). Essa construção é permanente durante a vida dos corpos e das estruturas de pensamento. Além disso, essas representações se tornam práticas ao impor uma definição diferencial que irá legitimar certo uso do corpo e sexual.

Bourdieu (1999) explica que as sociedades aprenderam a organizar-se de forma binária, por exemplo, quente-frio, úmido-seco, noite-dia. Segundo o autor essa oposição foi transportada para a categoria feminino e masculino, de modo que os homens passaram a ser representados, quase sempre, como o polo ativo e as mulheres como o negativo, ou seja, as mulheres passaram a ser percebidas no lugar de complemento e hierarquicamente inferior ao homem. Bourdieu (1999) afirma que estes símbolos são enraizados na cultura, fazendo com que as próprias mulheres “aceitem” a dominação. A seguir um trecho de Bourdieu (1999) sobre a organização diferencial:

O paradoxo está no fato de que são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão: não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra (nif) caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. (BOURDIEU, 1999, p. 33).

No trecho acima, Bourdieu (1999) explica que as diferenças sexuais são usadas, historicamente, para construir uma relação de dominação dos homens sobre

as mulheres, bem como, sobre os homens que se distanciam dos modelos hegemônicos. Desse modo, as construções sociais do que é ser homem ou mulher partem da diferença anatômica para assim justificar assim as relações sociais. Bourdieu (1999) salienta que existe uma “divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás” (BOURDIEU, 1999, p. 16). Devido a isso, o autor irá dizer que os espaços sociais, por exemplo a casa, terão os lugares “sexuados”. Nesse sentido, a cozinha será reservada para as mulheres, a sala de jantar para os homens, que sentarão na cabeceira. O que Bourdieu (1999) está explicando irá acarretar na família patriarcal, que é um dos espaços sociais importantes para entendermos nossa sociedade.

Vale lembrar que o modo de vida ocidental sofreu grandes influências da cultura romana. Nessa vertente, a família, enquanto organismo social, consolidou-se neste momento histórico e tinha por característica o homem no local de poder e a mulher como sua auxiliar. Por causa desse local que o homem ocupa surge o termo patriarcado. Narvaz e Koller (2006) o caracterizam como

[...] uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas. (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 50).

O patriarcado coloca o homem na posição de poder sobre as mulheres e essa forma de organização das famílias irá reverberar por vários séculos no mundo ocidental. Com o intuito de organizar a sociedade são estabelecidos papéis sociais para homens e mulheres no ambiente familiar. Para o primeiro seria atribuído as funções de disciplina e autoridade e, para o segundo o cuidado com os filhos (NARVAZ; KOLLER, 2006). A divisão de papéis é feita por um determinado modelo que compreende que homens e mulheres ocupam lugares diferentes e

complementares (NARVAZ; KOLLER, 2006). Devido à construção social que obedece ao modelo androcêntrico teremos um modelo de masculinidade socialmente representado como ideal e o qual deve ser perseguido. Connel (1995) afirma que diferentes masculinidades podem ser produzidas no mesmo contexto social. Isso nos leva a pensar que é impossível não se produzir nenhum tipo de masculinidade. Por masculinidade, segue o conceito de Connel (1995), que a compreende como uma

[...] configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de masculinidades. (CONNELL, 1995, p. 188).

A masculinidade hegemônica citada acima surge e estabelece uma relação de oposição com outras masculinidades, resultando na configuração de relações de subalternidade (KIMMEL, 1998). As características dos homens hegemônicos são ensinadas pela escola, cultivadas pela mídia, pelas igrejas e pelo estado. Segundo esse modelo, o “homem de verdade” seria heterossexual, ativo, provedor, tem sucesso com as mulheres e não aceita que maculem sua honra (WELZER-LANG, 2001). O hegemônico e o subalterno foram construídos por meio da ordem social e econômica, onde as mulheres e os homens gays são os subalternos em relação aos homens brancos.

Nessa perspectiva, as mulheres representam a vida doméstica e as obrigações familiares e os homens gays as “bichinhas” passivas e efeminadas, segundo Kimmel (1998). O autor explica que um ideal de masculinidade é produto de um discurso incapaz de englobar a realidade, pois elas variam de cultura para cultura, mudam ao longo do tempo, variando dentro da mesma cultura e mesmo dentro da vida um homem ela mudará de forma. Esse modelo de masculinidade hegemônica servirá de base para as desigualdades de gênero, bem como para as diferenciações hierarquizantes em relação às mulheres e aos próprios homens, baseadas na raça, etnicidade e sexualidade. Welzer-Lang (2001) autor que estuda a construção da masculinidade, faz importantes observações a esse respeito. Segundo ele, a:

Pseudo natureza superior dos homens, que remete à dominação masculina, ao sexismo e às fronteiras rígidas e intransponíveis entre

os gêneros masculino e feminino; a visão heterossexuada do mundo na qual a sexualidade considerada como “normal” e “natural” está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres. As outras sexualidades, homossexualidades, bissexualidades, sexualidades transexuais... são, no máximo, definidas, ou melhor, admitidas, como “diferentes”. (WELZER-LANG, 2001, p. 460).

Nessa perspectiva, estende-se que a masculinidade está dentro de um aspecto rígido, principalmente da orientação sexual heteronormativa. Nesse contexto de dominação masculina, a heterossexualidade se tornou um paradigma para a masculinidade. O processo de crescimento e desenvolvimento do ser-homem acontece a partir do distanciamento do ser mulher. Welzer-Lang (2001) chama a atenção para a existência da homossociabilidade, na qual os meninos são convocados a se agruparem e viverem momentos entre eles, como, por exemplo, nas práticas esportivas e de lazer. O autor afirma ainda que, no processo de socialização, em cada etapa da vida, nos espaços sociais tais como estádios e os quartos, são ensinadas as características do ser homem aos meninos. Assim, os mais velhos ensinam os mais novos, corrigindo-os em busca da virilidade.

Nesse contexto, a escola surge como um espaço privilegiado para observar os espaços de homossociabilidade. Os mais novos são obrigados a aceitar as regras estimuladas pelos mais velhos e esses ensinamentos acontecem em torno de muito sofrimento. Jogar futebol e ser bem sucedido nos esportes de força é regra para os meninos, de modo que aqueles que não apresentam tais habilidades são considerados “molengas” e, logo, menos homens. Para endurecer os corpos e se tornarem rígidos suficientes, os meninos devem passar pela brincadeira de lutar. Nos grupos de meninos, desde cedo, as lutas são algo comum, tratadas como algo corriqueiro entre garotos. As “brigas” parecem ter um caráter amigável, mas escondem as tristezas e decepções por passarem por diversas situações, as quais tem o objetivo de mostrar que um garoto é tão forte quanto outro, ou até mais, o que faz ele aumentar seu prestígio no grupo. Na “Casa dos Homens”, conceito abordado pelo autor Welzer-Lang (2001) utilizado para descrever a construção da masculinidade, a violência é regra. Segundo ele:

Que se pense nos diferentes golpes: socos, pontapés, empurrões. As pseudobrigas nas quais, na realidade, o maior mostra sua superioridade física para impor seus desejos. As ofensas, o roubo, a

ameaça, a gozação, o controle, a pressão psicológica para que o pequeno homem obedeça e ceda às injunções e aos desejos dos outros... Há um conjunto multiforme de abusos de confiança violentos, de apropriação do território pessoal, de estigmatização de qualquer coisa que se afaste do modelo masculino dito correto. (WELZER-LANG, 2001, p. 464).

Podemos ver, pelo trecho citado, que os homens são desde cedo levados a conviver com o medo, o que acarreta consequências para sua vida psíquica e social. A socialização dos homens acontece rejeitando o que seria do universo feminino, sendo aspectos objetivos ou subjetivos. Desse modo, na “Casa dos Homens” as ofensas estão ligadas às comparações, à feminização, nomeando alguns desses sujeitos, que se desviam dos modelos hegemônicos, como “mulherzinhas”, “veados”, etc. Aqueles homens que não apresentam sinais claros de virilidade são facilmente associados a homoafetivos, que dentro do mundo masculino hegemônico teriam menor valor e, como consequência, são vítimas de preconceitos e violências. O aprendizado dos homens, portanto, se faz por adaptação, especialmente por meio da violência que é uma das organizadoras do grupo masculino. A violência é primeiro contra si, posteriormente contra os outros (WELZER-LANG, 2001). Os vencedores ganham reconhecimento dos seus e dos mais velhos.

Welzer-Lang (2001) entende que existe um prazer nesse momento: prazer do prestígio com os mais velhos, de se distinguir das mulheres, de “ser como os outros homens”. Assim os garotos irão se tornando homens, um processo de individuação e coletivização, que acontece pela diferenciação dos seus semelhantes, que estão em outra posição hierárquica. Welzer-Lang (2001) diz que a Casa dos Homens é ocupada por homens mais velhos, como o irmão, o pai, e que eles são os agentes de transmissão e, portanto, são os modelos a serem seguidos. Eles podem ser ainda professores, educadores de esporte, padres, dentre outros.

Desse modo, na vida adulta o pai de família irá continuar frequentando os cafés, os estádios, as reuniões de amigos, ou até mesmo a prisão, onde ele precisará se diferenciar daqueles que são considerados fracos, gays e afeminados. Welzer-Lang (2001) assinala a partir de Dejours (1998) e Molinier (1997) que a virilidade, além dos privilégios que ela fornece, se torna uma estratégia para vencer o medo. O masculino estabelece uma relação hierarquizada com outros homens e mulheres e aqueles que não possuem virilidade são incorporados a classe de dominados. O autor acrescenta

a ideia de que os homens estupradores, quando chegam à cadeia, são violentados por outros homens que estão hierarquicamente acima, como os chefes do tráfico. (WELZER-LANG, 2001).

Desse modo, na “Casa dos Homens” sempre existe algum homem numa posição hierárquica. Assim, os Grandes Homens seriam aqueles que possuem um grande poder aquisitivo, que conquistam muitas mulheres, que tem mais privilégios. No jogo das relações entre homens e mulheres, a virilidade é um fator importante para a conquista. Bourdieu (1999) afirma que a construção é teórico-prática, pois as representações de dominações interferem diretamente na vida cotidiana, o que é colocada como característica de um gênero não aparecerá no outro. Desse modo, a formação do corpo, por exemplo, do homem viril, é uma ação pedagógica explícita e expressa. Segundo o autor, a (re)produção da dominação masculina se faz através de diferentes instituições sociais, inclusive as que compõem o cenário das práticas educativas.

Nessa perspectiva, a escola é um dos espaços sociais importantes da sociedade e, portanto, participa do processo de construção de masculinidades. A escola, segundo Bourdieu (1999), reforça a socialização do biológico, fazendo surgir o que o autor chama de habitus, conceito que, dentro da teoria do sociólogo, tem grande importância. Para o autor, a objetividade e a subjetividade não poderiam ser separadas, ou seja, o contexto produz o sujeito, mas o inverso também acontece. Grenfell (2012) explica o conceito da seguinte forma: “o habitus é estruturado pelas condições materiais da existência e também gera práticas, crenças, percepções, sentimentos etc., de acordo com sua própria estrutura” (GRENFELL, 2012, p. 76). Na articulação objetividade/subjetividade os ambientes e os sujeitos reproduzem certo tipo de masculinidade.

Drumont (1980), por sua vez, salienta que as instituições são centros históricos de centralização do poder. Ou seja, a escola e outros espaços são reprodutoras de como as sociedades se organizam, difundidas por meio das regras que estão em vigor e dos agentes que as fazem valer. Assim, as instituições, em especial, as escolas, podem afirmar ou desconstruir certas formas de se relacionar, manter ou não práticas hegemônicas.

Construção de masculinidades na escola

Compreendemos que a escola é um espaço em que se (re)produz gênero, configurando-se como uma das instituições que reflete as estruturas de poder da sociedade e um local onde acontece a construção das identidades femininas e masculinas (COUTO, 2010). Bourdieu (1999) afirma que as instituições Família, Igreja, Estado, Escola atuaram (e ainda atuam) para naturalizar e reproduzir discursos sobre as relações de gênero. Assim Bourdieu (1999) irá dizer que

a Escola, mesmo quando já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/mulher e a relação adulto/criança) e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas [...] (BOURDIEU, 1999, p. 104).

O trecho acima mostra que as escolas continuam reproduzindo práticas pedagógicas que possuem relação com o patriarcado. A escola e outras instituições, como a fábrica e os hospitais, tais como as conhecemos, surgem no século XVII. A partir da leitura de Foucault (1996), Silva (2008) afirma que nesse momento histórico nasce o poder normalizador e disciplinador, que seriam as práticas de biopoder, ou seja, aquelas ações voltadas para o controle dos corpos por meio de diferentes estratégias de docilização e subordinação. O controle dos corpos foi sendo gradualmente incorporado como objetivo do Estado. Temáticas como natalidade, morbidade, expectativa de vida, incidência de doenças passaram a ser interesses dos governos. Silva (2008) irá dizer a partir da leitura de Foucault (1996), que as mudanças sociais fizeram surgir a necessidade de instituições que controlassem os sujeitos, tornando-se disciplinados e dóceis.

Silva (2008) citando Foucault (1996), afirma que esse controle é feito por meio da norma que atua sob todos na sociedade com o objetivo de disciplinar. Nessa perspectiva, ao se ter o controle e um padrão desejável dos indivíduos se torna possível estabelecer o que seria a norma e o anormal, sendo este último, aquele cujo o comportamento foge dos padrões da maioria. A leitura de Silva (2008) nos ajuda a entender que, além da matriz patriarcal que influencia nossa sociedade hoje, o discurso médico, que passa a fazer parte da constituição das instituições na narrativa de Foucault (1996) ajuda a definir os papéis sociais binariamente entre homens e

mulheres. O discurso médico e biologizado tem por objetivo atuar também sob as famílias, principalmente sob a mãe que deveria educar seus filhos seguindo a lógica da docilização (SILVA, 2008).

Nessa mesma vertente, Silva (2008) afirma que a construção dos conceitos de sexualidade, masculinidade e feminilidade foi fundamental na transição da época clássica para a moderna. Louro (2000b) atribui o nome de pedagogias da sexualidade a essa prática de controle dos corpos, como a construção da masculinidade. A autora ressalta que com o passar dos anos a prática do controle dos corpos ficou mais sutil, eficiente e duradoura. Louro (2000b) menciona o exemplo de escolas inglesas, nas quais é prática comum os adolescentes mais velhos baterem nos mais novos e isso é aceito e entendido como parte das relações de sociabilidade entre os garotos. Segundo a autora, a construção do gênero masculino aconteceria nas escolas através do esporte, da competição e da violência (LOURO, 2000b). Desse modo, a escola funciona, dentro de uma sociedade patriarcal, com o objetivo de preparar homens e mulheres para a vida adulta. Logo, os modelos de identidade de gênero que são construídos ali possuem relação direta com os modelos considerados exemplares pela sociedade.

Louro (2000a) também afirma que, dentro das instituições sociais, em especial a escola, o corpo sempre foi utilizado como lócus de correção, medição, molde, classificação, um trabalho que visa dividir e distinguir. Segundo a autora, as marcas nos corpos e esse processo de molde devem fornecer, automaticamente, quem é aquele sujeito, sendo homem ou mulher. Uma das formas de organizar, moldar os corpos na escola são os uniformes. Assim, existe uma distinção entre os que são usados por meninos e meninas, o seu uso é obrigatório e não é possível nenhum tipo de adaptação por parte dos alunos. Louro (2000) assinala que o uniforme tem por objetivo desviar a atenção dos alunos em relação a sexualidade, os alunos que não respeitam as regras dos uniformes são alvos de críticas que possuem forte apelo moral e estético.

Louro (2000a), explicando a construção de masculinidades na escola, dirá que os meninos são educados para reprimir suas emoções, serem sempre controlados, e que o homem almejado pela escola seria o ponderado. Esse modelo de masculinidade estabelece uma interdição entre os homens, em que a expressão de sentimentos é algo estranho e que os garotos, portanto, não são estimulados a estabelecerem

relação de amizade e companheirismo com outros garotos, eles são levados sempre a competirem uns com os outros. Aqueles garotos que expressam minimamente seus sentimentos na escola são logo enquadrados entre os gays, sendo vítimas de piadas e gozações. Segundo Louro:

Para um garoto (mais do que para uma garota) tornar-se um adulto bem-sucedido implica vencer, ser o melhor ou, pelo menos, ser “muito bom” em alguma área. O caminho mais óbvio, para muitos, é o esporte (no caso brasileiro, o futebol), usualmente também agregado como um interesse masculino “obrigatório”. (LOURO, 2000a, p.15).

Desse modo, observa-se que o esporte, especificamente o futebol, se coloca como forma de ascensão para os garotos e, para isso, eles devem dedicar a adestrar e conformar os seus corpos para conseguirem seus objetivos. Segundo Louro (2000a), o Brasil opera dentro da identidade do homem branco, heterossexual e cristão, de modo que as outras identidades ocupam lugar desprivilegiado. Desse modo, um homossexual terá com sua orientação sexual um marcador que o coloca à margem das demais orientações sexuais (LOURO, 2000a). Por outro lado, nenhum heterossexual precisa dizer que é a sua orientação, pois subentende-se que esta é a condição esperada de todos (LOURO, 2000a). A escola possui um papel duplo, segundo Louro (2000a), ela precisará incentivar a sexualidade tida como “correta”, que seria a heterossexual e, posteriormente, controlá-la. Segundo essa lógica, a escola irá reforçar os papéis de gênero da seguinte forma:

Nas escolas, não apenas as diversas áreas ou disciplinas foram produzidas sob a perspectiva masculina heterossexual (e, então, tradicionalmente, deixam de fora os saberes, as experiências e os problemas das mulheres e dos grupos homossexuais); mas todos, no sentido amplo do termo, são geralmente, construídos sob essa ótica. As práticas cotidianas, os arranjos físicos, a distribuição espacial e temporal dos indivíduos também inscrevem e reafirmam, continuamente, as marcas das diferenças sexuais e de gênero. (LOURO, 2000a, p. 68).

Pelo excerto acima podemos perceber que a escola reforça o padrão hegemônico por meio da distribuição social, espacial, separando meninos de meninas nas salas de aula, dizendo quais são as atividades de um e de outro, silenciando as experiências homoafetivas e das mulheres. Louro (2000a) percebeu que a escola irá

trabalhar para que os sujeitos se tornem heterossexuais, como se a orientação fosse algo adquirido através do controle dos corpos. A esse processo a autora dá o nome de heteronormatividade. Uma vigilância é colocada em prática por meio de códigos, regras, preceitos, que faz com o que o indivíduo possa também autogovernar. Outros autores possuem pesquisas sobre o cenário educacional brasileiro, focando exclusivamente em como a escola constrói as masculinidades. Passemos a eles.

Galet e Seffner (2016) afirmam que a escola reflete a sociedade, ou seja, na escola podemos observar padrões de se relacionar que estão em outros espaços sociais. A escola é um local privilegiado para a compreensão da construção dos gêneros e suas consequências sociais. Silva Junior, Maia e Ivenicki (2018) citando Moita Lopes (2002), irão dizer que a escola influencia como as pessoas são, o que reforça a ideia que a escola pode adotar dois modelos de educação, uma perspectiva multicultural, que valorize as identidades, as diversidades de orientação sexual, raça e gênero que poderia ajudar promover a superação dos preconceitos, ou seguir o modelo tradicional, seguindo a construção de masculinidades hegemônicas estabelecendo a subalternidades das mulheres e homens gays.

Carrito e Araujo (2013), por sua vez, ressaltam a partir de sua pesquisa em escolas públicas portuguesas que, dentro da escola existe uma construção que entende que os comportamentos transgressores dos meninos possuem uma justificativa essencialista, como que por natureza os homens fossem mais agitados, sempre se opondo às meninas que seriam “naturalmente” mais quietas. Galet e Seffner (2016) chegam a uma conclusão parecida, pois percebem que existem uma tensão entre o ser um bom aluno e ser homem, pois no imaginário dos alunos entrevistados o sucesso escolar seria algo do universo feminino. Pinto e Carvalho (2004) apresentam em seu trabalho percepções parecidas com as destes autores, apontando que os meninos são os mais reprovados, considerados bagunceiros e que as explicações dos profissionais, professores e diretores repousam no argumento biologicista de que os meninos seriam naturalmente mais agitados. Pinto e Carvalho (2004) acrescentam a reflexão que as práticas profissionais dos professores e diretores reforçam a suposta natureza agitada dos meninos.

Dos Santos Brito (2006) buscando entender a relação de sucesso e fracasso dos meninos na escola faz um recorte de classe para entendimento das masculinidades. Este autor, citando Gilbert e Gilbert (1998), sublinha que alunos

provenientes das classes trabalhadoras possuem um referencial de masculinidade baseados na uma postura anti-escola, sucesso esportivo, forte carga de agressividade e rejeição a modelos de masculinidade não hegemônicas.

Galet e Seffner (2016), em sua reflexão comparando o ambiente escolar masculino no Brasil e na Espanha, concordam com Dos Santos Brito (2006) ao dizer que um dos problemas que a educação brasileira enfrenta é o abandono da escola. Essa situação tem estreita relação com o recorte de classe e gênero, pois os meninos de classes trabalhadoras são obrigados a sair da escola para poderem ajudar financeiramente em casa, o que leva a pensar na influência da desigualdade social e da construção da masculinidade hegemônica do homem do patriarcado, que seria o provedor. Mas outros alunos, especialmente aqueles provenientes de setores médios e altos da sociedade, chegam ao sucesso da carreira escolar e, ao observar suas famílias, o autor entendeu que elas organizavam a vida dos filhos numa perspectiva de escolarização que levaria a carreiras bem-sucedidas. O que a pesquisa deles mostrou é que algumas escolas convivem com alunos de diversas classes sociais e a instituição não percebe a correlação entre classe social e valorização da escola. Galet e Seffner (2016) finalizam seu texto dizendo que quando a escola não valoriza seus alunos e, conseqüentemente reforçam a postura anti-escola.

Gênero e masculinidades no discurso do presidente Bolsonaro

Com o intuito de enriquecer este trabalho, buscou-se um elemento de articulação dos achados na literatura científica com os acontecimentos da cena pública do país. Desse modo, acreditamos ser interessante analisar as falas do presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, publicizadas enquanto ainda era deputado federal, no tocante as suas opiniões sobre construção das masculinidades no contexto escolar. Nesse sentido, foram realizadas buscas por vídeos do presidente Jair Messias Bolsonaro, disponíveis na plataforma digital “Youtube”. Em seguida, incluímos na pesquisa do site o termo “ideologia de gênero” e selecionamos os vídeos que mostravam o então deputado falando claramente o que ele pensava sobre o tema. A partir disso foi feita a transcrição das suas falas e foram selecionados os trechos mais relevantes para analisar de acordo com o referencial teórico. Os trechos foram colocados em **negrito** e *itálico* e analisados a partir do referencial teórico citado acima.

A partir desse momento seguiremos com as análises das falas do presidente da república, Jair Messias Bolsonaro. Observaremos como ele se refere à construção de gênero, especialmente em relação às masculinidades. Vale ressaltar que Jair Bolsonaro é o símbolo do crescimento de discursos conservadores no Brasil. Miguel (2016) explicará que, desde 2010, o movimento conservador vem ganhando força e substituindo pautas que eram consensos sociais entre os políticos como o combate à desigualdade social e defesa dos Direitos Humanos, por um liberalismo econômico, misturado com o fundamentalismo religioso e o anticomunismo.

O liberalismo tem como uma das suas origens a escola econômica austríaca que prega a menor intervenção estatal na sociedade e no mercado. O fundamentalismo religioso é fruto da articulação de setores conservadores da igreja católica e evangélica para a eleição de seus representantes e, o anticomunismo, também presente no discurso do presidente eleito, é o ressurgimento de um movimento que pensava-se extinto após a segunda guerra mundial, o qual se caracteriza pela perseguição de partidos e movimentos de centro esquerda e esquerda (MIGUEL, 2016).

O fortalecimento do movimento conservador foi acompanhando pelo entendimento que existe uma doutrinação ideológica nas escolas. A partir disso surge o Movimento Escola Sem Partido (MESP) que é a articulação de pais e professores que estão preocupados com a suposta doutrinação político-ideológica nas escolas e universidades. O MESP ganha força quando se populariza outra pauta do movimento conservador que é a ideologia de gênero, popularmente compreendida como a discussão dos papéis de gênero nas escolas. O termo “ideologia de gênero” surge dentro da Igreja Católica no início dos anos 2000 e era utilizado para mostrar a visão negativa do Vaticano sobre as discussões que o movimento feminista fazia sobre a teoria de gênero. A Igreja Católica entende que a “ideologia de gênero” é contra aos planos divinos para as famílias, especificamente as mulheres. O MESP acopla, portanto, da “doutrinação marxista” e “ideologia de gênero”, passando a combatê-los veementemente.

Também é preciso destacar que o termo ideologia de gênero se popularizou a partir da polêmica do projeto Escola sem Homofobia (OLIVEIRA JUNIOR; MAIO, 2017). Em 2004, o governo do então presidente Luís Inácio Lula da Silva estava na coordenação do programa Brasil sem Homofobia que tinha por objetivo combater a violência contra grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT). O material que ganhou o nome Escola sem Homofobia tinha por objetivo levar as discussões de gênero para as salas de aula,

preparando os professores e professoras. O projeto não foi adiante devido a rejeição de setores conservadores da sociedade e de parlamentares do congresso entre eles Bolsonaro, que chamavam o projeto de “Kit gay”. Naquele período os deputados acreditavam que aquele projeto era para incentivar a homossexualidade. Vale ressaltar que o suposto kit nunca foi distribuído nas escolas públicas, de fato. Seguiremos com as análises.

O primeiro vídeo analisado foi publicado no Youtube no dia 25 de setembro de 2016. Nele, o até então deputado Jair Bolsonaro responde uma pergunta sobre a Ideologia de gênero. Seguem os trechos editados: “Hoje mais importante do que saber fazer uma tabuada é se o menino vai fazer amor ou não com um outro menino no futuro. É isso que interessa [...]. É um esculacho da família brasileira, um pai não quer chegar em casa e ver o filho brincando de boneca por influência da escola, anteontem o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, tradicional, decidiu que os uniformes agora que eram de acordo com as cores para meninos e meninas pode ser à vontade e ontem começou a bagunça lá de menino usando saia, é uma zona. O combustível do poder hoje que é o voto é a ignorância a destruição dos valores familiares. Essa zorra que ta aí... ideologia de gênero é a puta que pariu.”¹

O então deputado Bolsonaro repete algumas vezes sua preocupação com as famílias de modo geral, dizendo que aquele projeto era desrespeitoso para com elas. Narvaz (2006) e Koller (2006) ajudam a pensar sobre qual família ele estaria defendendo. Quando ele diz que um pai não quer ver seu filho brincando de boneca na escola, ele estaria dizendo daquele pai do patriarcado. O pai de família é aquele que coloca ordem, que controla a casa, logo o filho está sob os “cuidados” dele. Uma reflexão que aparece ao assistir o vídeo é qual pai não gostaria de ver seu filho brincando de boneca. Esse brinquedo que é culturalmente atribuído às mulheres, quando usado por garotos, parece traduzir, na concepção desse pai que o deputado se refere, como a feminização do homem, ou seja, reflete o temor de criação de um garoto sem virilidade. A mensagem é semelhante à ideia a qual Welzer-Lang se refere em seu texto, onde “ser homem é ser diferente do outro, diferente de uma mulher” (WELZER-LANG, 2001, p. 463), sendo inadmissível para o pai, no modelo do patriarcado, aceitar que seu filho brinque de boneca.

A acusação e a preocupação do deputado versavam sobre como a escola poderia influenciar os meninos a se tornarem homossexuais. Tal alegação distancia-se do pontuado pela pesquisadora Judith Butler (1990), visto que a construção dos gêneros encontra-se articulada a um dispositivo de forma(ta)ção dos sujeitos, sendo

que este é calibrado voltado a produção de modos de existências heterossexuais como norma, valorizando e incentivando estes. Ao ler a obra referida é possível perceber que existe um controle por parte de todas as instituições, tais como igreja, estado, escola para que os sujeitos se tornem heterossexuais, e não homossexuais. Conforme as falas do deputado destacadas acima apontam, é nítido uma maior preocupação com a garantia do status de virilidade dos meninos, em detrimento das meninas que sequer são mencionadas no texto. Segundo Butler:

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo. (BUTLER, 1990, p. 53).

Pode-se perceber pelo trecho citado acima que a norma que é estimulada é a de se enquadrar em um determinado modelo de orientação sexual. O que parece transparecer na fala do deputado é o desejo para que as práticas escolares permaneçam como são. Sua revolta com os jovens do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro mostra seu sentimento de desacordo com garotos que usam as “roupas das mulheres”, as aspas são colocadas pois a partir da leitura de Bourdieu (1999) compreendemos que as realidades precisam ser historicizadas. Bourdieu (1999) explica que a distinção social entre masculino e feminino obedeceu à socialização dos gêneros e “a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros” (BOURDIEU, 1999, p. 20). Ou seja, a diferença nos uniformes atribuídos aos homens e as mulheres surge dessa compreensão, existem roupas de meninos e existem roupas de meninas.

A compreensão do deputado sobre os uniformes e sobre meninos brincarem de bonecas obedecem à lógica binária que Bulter (1990) explica: dentro dessa forma de entender o mundo as barreiras dos papéis de gênero são intransponíveis. Essa forma estanque de ver a vida impede a multiplicidade dos sujeitos e suas sexualidades. Passemos para outro vídeo agora para continuarmos a análise.

O segundo vídeo analisado foi publicado na plataforma do Youtube no dia 4 de setembro de 2016. Bolsonaro parece estar em sua casa, fazendo o vídeo de forma caseira. Ele está com sua filha e responde por que não coloca seus filhos na escola pública. Seguem alguns trechos da sua fala: “O aparelho Sexual e cia, um guia para crianças (nesse momento ele mostra o livro que tem um garoto olhando dentro de sua calça e ao abrir o livro ele lê uma frase) ‘Um menino pode gostar de outro menino e uma menina pode gostar de outra menina’. O livro de Dilma Rousseff! E pra onde vai isso aqui? O plano nacional de cidadania LGBT usa o público LGBT para difundir nas escolas questão que os pais não querem para seus filhos. No item 1.4.6 distribuição de livros para as bibliotecas escolares com a temática diversidade sexual para o público infanto-juvenil, entre outros livros esse aqui. Vamos Falar sobre Ele, (ele mostra um livro com a capa de um menino vestido com roupas rosas e arco). Fica aqui pervertendo o seu filho na sala de aula.”²

Ao expor o livro, Bolsonaro demonstra-se incomodado com o conteúdo, acusando o Partido dos Trabalhadores (PT) de influenciar as crianças a gostarem de pessoas do mesmo sexo, mais uma vez enfatizando a sexualidade masculina. O então deputado demonstra um profundo desconhecimento sobre o desenvolvimento da sexualidade, afinal ele não compreende que a orientação sexual não pode ser influenciada pela escola. A escola que o deputado defende parece encaixar-se no modelo tradicional, de carteiras enfileiradas, conteúdos programáticos, algo que se parece mais com o que Silva (2008) explica, como uma instituição tem por objetivo produzir sujeitos dóceis para o mercado de trabalho. A escola serve para a consolidação, portanto, normatização de certos tipos de sexualidades. Bourdieu (1999) explica que todas as instituições por reproduzirem de forma inconsciente o discurso hegemônico. A iniciativa do projeto Escola Sem Homofobia tinha por objetivo justamente trabalhar os conteúdos relacionados a sexualidade de maneira mais ampla e diversificada (OLIVEIRA JUNIOR; MAIO; 2017).

Bourdieu (1999) aponta para a associação histórica entre as instituições, como o Estado, a Igreja, a Escola e o que esses atores sociais fazem juntos é esconder da história quais forças verdadeiramente os guiam. Bolsonaro, ao criticar e fazer valer o poder do Estado sobre as escolas, continua a tradição de outros tempos e impede que o assunto sexualidade seja devidamente tratado. O atual presidente da república faz um discurso no vídeo se colocando em defesa da família, defendendo a dignidade e

o que ele diz sobre ser a honra das crianças. A honra é considerada um dos elementos dos grandes homens, irá dizer Welzer-Lang (2001), e qualquer desrespeito a ela deve ser respondido rapidamente, sendo a defesa da honra uma das formas naturalizadas de violência. Conforme destaca Silva (2014),

Quando falamos em honra, estamos nos referindo a um sentimento interno de dignidade pessoal, que se reflete em um empenho constante na manutenção da pureza de sua reputação. O homem honrado, segundo a perspectiva da masculinidade hegemônica, não pode admitir que lhe maculem a moral, agindo enfaticamente contra o que quer que entenda que manche sua dignidade, ou pelo menos, a aparência pública de sua elevação moral e de caráter. Aquele que age com violência na manutenção de sua honra e reputação é considerado como digno de vênua, senão mesmo de veneração pública. (SILVA, 2014, p. 2812-2813).

Percebemos pela fala do ex-deputado e pelo trecho acima que a honra é percebida como “sagrada”, principalmente para os homens, e a sua defesa é colocada acima de qualquer questão. Dentro da família patriarcal (NARVAZ; KOLLER 2006) o que o ex-deputado fez foi se colocar como um legítimo defensor de alguns valores. No começo do vídeo, sua filha, ainda criança, aparece e quando ele vai mostrar o vídeo, ele pede que a mesma se retire, reforçando essa imagem de pai protetor.

Na mesma época das discussões sobre o projeto da Escola Sem Homofobia, encontra-se outro vídeo em que o ex-deputado discute no que parece ser um dia aberto ao público na câmara dos deputados. O vídeo foi postado na plataforma no dia 17 de agosto de 2018. Nele, Jair Messias Bolsonaro afirma “Embostar criancinha em sala de aula isso é totalmente canalha! Fala pra mim que ser gay é legal! Fale para o vereador aqui, que ta do meu lado aqui que ser gay é legal! Fale para minha mãe que ser gay é legal. Padre Paulo Ricardo quando tinha 8 anos de idade e tinha um quadro de Jesus Cristo em todas as casas de braços abertos e em baixo tava escrito: vinde a mim as criancinhas. Hoje os canalhas dizem vinde a mim as criancinhas pra praticar pedofilia ou para ensinar esse comportamento que nenhum pai admite”.³

Todo o discurso do ex-deputado é feito com muita agressividade, como nos outros vídeos ele se coloca como defensor das crianças, acusando o projeto Escola sem Homofobia de incentivar a pedofilia e a sexualização precoce. Tal comportamento do deputado ressalta a “virilidade” que funda o homem moderno. Em um determinado momento do vídeo o deputado demonstra muito nervosismo com uma situação

hipotética onde uma criança que estivesse sendo violentada por um adulto. Para ele, o procedimento mais indicado seria prender o homem e leva-lo para os psiquiatras, onde eles investigaram se aquele cidadão sofre de alguma doença mental. O discurso de Bolsonaro dizendo que as discussões de gênero levam à pedofilia não encontra respaldo teórico. Em outro momento, ele grita dizendo que não poderia dizer para uma criança que ser gay é legal e chama a atenção afirmando que vai “encher de porrada” quem fizer isso. Cabe ressaltar que a violência faz parte da construção social do masculino. Conforme destaca Welzer-Lang:

Um desses não-ditos, que alguns anos mais tarde relatam os rapazes já tornados homens, é que essa aprendizagem se faz no *sufrimento*. Sofrimentos psíquicos de não conseguir jogar *tão bem* quanto os outros. Sofrimentos dos corpos que devem endurecer para poder jogar corretamente. Os pés, as mãos, os músculos... se formam, se modelam, se rigidificam por uma espécie de jogo sadomasoquista com a dor. O pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento – sem dizer uma palavra e sem “amaldiçoar” – para integrar o círculo restrito dos homens. (WELZER-LANG, 2001, p. 463).

Welzer-Lang (2001) também explica que, desde crianças, os homens são expostos a relações que envolvem algum tipo de violência e, se eles não corresponderem também com violência, não serão respeitados. Antes de se tornarem violentos com as mulheres, os homens expressam uns com os outros toda a sua agressividade. Silva (2014) ressalta que isso acarretará na interiorização da violência como forma de se relacionar. A raiva de Bolsonaro pelas pessoas dizerem que “ser gay é legal” está relacionada justamente à violência que é usada para construir o masculino. Ser gay não pode ser considerado legal dentro de uma masculinidade hegemônica. Welzer-Lang (2001) nos ajuda a entender que:

O masculino, as relações entre homens são estruturadas na imagem hierarquizada das relações homens/mulheres. Aqueles que não podem provar que “têm são ameaçados de serem desclassificados e considerados como os dominados, como as mulheres. Dir-se-á deles que “eles são como elas”. É assim que na prisão um segmento particular da casa-dos-homens, os jovens homens, os homens localizados ou designados como homossexuais (homens ditos afeminados, travestis....), homens que se recusam a lutar, ou também os que estupraram as mulheres, dominadas, são tratados como mulheres, violentados sexualmente pelos “grandes homens” que são

os chefões do tráfico, roubados, violentados. (WELZER-LANG, 2001, p. 465).

O gay dentro da masculinidade hegemônica é colocado no lugar de subalternidade. No momento que o ex-deputado se posiciona de tal forma, ele exige que o Estado controle os corpos e os desejos daqueles que estão na escola, afinal podemos entender, a partir de sua fala, que seria um absurdo alguém falar para uma criança que ser gay é legal. Na sessão na câmara dos deputados, Jair Bolsonaro se refere a um padre que está participando do debate e diz a ele que sente saudades da época em que em todas as casas havia um quadro de Jesus de braços abertos, e hoje o que o governo quer ensinar é pedofilia. Bolsonaro se posiciona como uma pessoa religiosa, essa visão negativa das discussões de gênero por parte das instituições religiosas já é dita por Bourdieu (1999). A presença de um padre e a concordância entre ele e o do deputado mostra a relação das instituições, Igreja, Estado, nunca deixaram de existir e sua atuação é em prol do impedimento de discussões de gênero e sexualidade nas escolas.

O hoje presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, se colocou contrário às discussões de gênero nas escolas. Percebemos que suas falas são carregadas de representações do patriarcado e do discurso que sustenta o modelo de masculinidade hegemônica.

Considerações finais

Este trabalho proporcionou o conhecimento acerca da potencialidade das discussões de gênero para compreensão de fenômenos do ambiente escolar, especialmente no que se refere ao processo de construção das masculinidades nesse contexto. Os estudos analisados revelam que a escola está longe de se tratar de um espaço neutro e distante dos fenômenos socioculturais mais amplos, como o patriarcado. A escola, portanto, é uma potente instituição social atravessada por diferentes interesses e discursos que refletem as concepções sociais relacionadas aos modos de ser homem e que orientam pais e educadores no modo como sociabilizarão as crianças e os adolescentes. Tais interesses e discursos também são delineados e difundidos por outras instituições sociais como a igreja, a mídia, o trabalho e o estado e ocupam um importante lugar na cena discursiva contemporânea. Por outro lado, o modelo de educação tradicional, ainda presente em grande parte das escolas brasileiras, mostra-se incapaz de desconstruir os preconceitos que

silenciam as pessoas que não se encaixam no binarismo de gênero e na égide da heteronormatividade.

As falas do ex-deputado federal e, atual presidente da república, Jair Bolsonaro devem ser compreendidas como representações discursivas que refletem os modos de pensar, sentir e agir de grupos conservadores brasileiros que veem a escola como um importante espaço de socialização, como também de controle sobre os corpos e desejos dos estudantes. É importante ressaltar que os personagens mais evidentes do discurso conservador são homens que se enquadram no modelo tradicional de masculinidade e que atuam no sentido de garantir a manutenção do patriarcado e a hierarquia de poder dos homens cujos corpos e concepções se conformam ao modelo de masculinidade. Nesse sentido, destacamos aqui a preocupação de Jair Bolsonaro sobre os supostos efeitos maléficos de uma suposta “ideologia de gênero” sobre o comportamento dos meninos, uma vez que, em seu discurso, as meninas já são apresentadas como biologicamente dóceis, maternais e femininas.

Diante do crescimento dos grupos conservadores no Brasil que, cada vez mais articulam discursos religiosos com as práticas governamentais, faz-se necessário investir em novos estudos que considerem as escolas enquanto instituições sociais complexas e que explicitem como elas atuam para além dos currículos formais e também prescrevem modos de ser-homem e ser-mulher, frequentemente, interditando e excluindo outras possibilidades de exercício de masculinidades e feminilidades distantes do modelo tradicional. Nesse sentido, é preciso que nós educadores sigamos na luta pelo reconhecimento da escola como um espaço importante para a construção de uma sociedade que valorize a diversidade e busque a equidade entre os gêneros, favorecendo assim o bem-estar social tanto das mulheres, como dos próprios homens.

Notas

* Douglas Henrique Gomes é psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Especialista em Intervenções Psicossociais no contexto das Políticas Públicas pelo Centro Universitário UNA. E-mail: douglashgomes@yahoo.com.br

** Alberto Mesaque Martins é psicólogo pelo Centro Universitário UNA, Mestre e Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Professor Adjunto do curso de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) – E-mail: albertomesaque@yahoo.com.br

- 1 O vídeo “Jair Bolsonaro e a ideologia de gênero” encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=89iO6e-v7bU>>. Acesso em: 01 out 2019.
- 2 O vídeo “Ideologia de gênero – Jair Bolsonaro” encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l-0vPEDqRaY>>. Acesso em: 10 out 2019.
- 3 O vídeo “Padre Paulo Ricardo e Jair Bolsonaro debatem sobre ideologia de gênero na câmara dos deputados” encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1zIX5p-9qxA>>. Acesso em: 12 out 2019.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160p.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. 287p.
- CARRITO, Manuela; ARAÚJO, Helena C. A “palavra” aos jovens: a construção de masculinidades em contexto escolar. **Educação, Sociedade e Cultura**, n.39, p. 139-158, 2013.
- CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, Vol. 20 (2), p.185-205, 1995.
- COUTO, Maria Aparecida Souza. Masculinidades e Feminilidades: a construção de si no contexto escolar. **Revista Aurora**, v. 4, n. 1, 2010.
- DOS SANTOS BRITO, Rosemeire. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar de meninos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 129-149, 2006.
- DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, 1980.
- GALET, Carmen; SEFFNER, Fernando. Dois olhares sobre masculinidades no ambiente escolar: Brasil e Espanha. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. 2, p. 767-782, 2016.
- GRENFELL, Michael. **Pierre Bourdieu: Conceitos Fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018. 394p.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000a.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, p. 20, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto Editora 2000b.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” – Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Revista Direito e Práxis**, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.

NARVAZ, Martha; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & sociedade. São Paulo. Vol. 18, n. 1 , p. 49-55.**, 2006.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista; MAIO, Eliane Rose. “Não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais”: o discurso inaugural no “desagendamento” do kit gay do mec. **Revista e-Curriculum**, v. 15, n. 1, 2017.

PINTO, M. R.; CARVALHO, D. Quem são os meninos que fracassam na escola. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 11-40, 2004

SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99. 1995.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço Silva; MAIA, Maria Vitoria Campos Mamede; IVENICKI, Ana. Homens por vir: reflexões sobre o processo de construção das masculinidades na educação infantil a partir de jogos e brincadeiras. **Educação em Perspectiva**, v. 9, n. 1, p. 67-86, 2018.

SILVA, José Remon Tavares da. Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem. **Anais do 18º Redor. Recife, pgs**, p. 2802-2817, 2014.

SILVA, Marcelo Moraes e. A produção das masculinidades: uma releitura genealógica. **Seminário Fazendo Gênero – Corpo, violência e poder**. Florianópolis, ago/2008.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

Recebido em: julho de 2019.

Aprovado em: fevereiro de 2020.